



N.º 83 - LISBOA, II DE AGOSTO

2.º ANO 1934

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras
Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA

PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

Redação e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 1.2000 rs. | Brazil, anno 52 numeros..... 2.5500 rs.
Semestre, 26 numeros..... 5500 rs. | Africa e India Portuguesa, a no 1.2000 rs.
Cobrança pelo correio..... 5100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros.. 1.3800 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre aceitam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

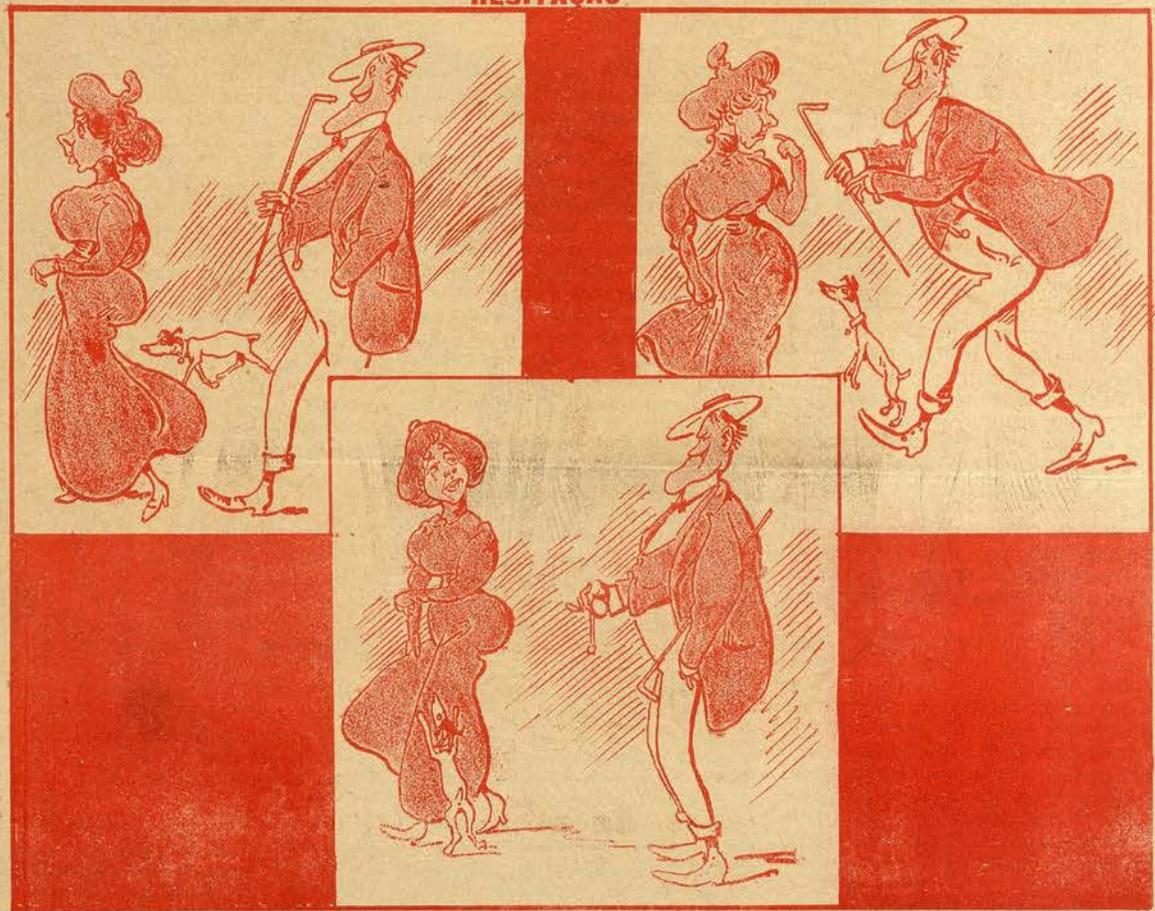
EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular
82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO
Lythographia Artistica
Rua do Almada, 32 e 34

Ainda o novo regulamento

HESITAÇÃO



— Oh! Diabo! Ainda não deu meia-noite.

A lapide



A ultima sessão camararia foi toda consagrada ao culto das letras.

Nós não pretendemos naturalmente disputar ao municipio o direito de se occupar de litteratura, posto preferissemos vel o occupar-se das regas. O que entendemos é que as iniciativas do municipio, que recaem sobre materia litteraria, são um pouco arbitrarías, não existindo, como manifestamente não existe, entre os diversos pelouros que o constituem,—o pelouro da litteratura.

Posto isto, está muito bem, como propoz na ultima sessão o sr. Claro da Ricca, que se colloque uma lapide na casa em que habitou e morreu Julio Cesar Machado. Julio Machado era um genio litterario cheio de gosto, de sympathia e de bom humor, que deixou uma obra que o pedantismo dos nossos tempos ainda não quiz admitir como delicada, mas que o foi, e que deixou saudosas recordações. Está muito bem—repetimos. Mas tem por acaso o municipio autoridade para apreciar e sancionar estes factos de uma natureza exclusivamente litteraria?

As corporações representativas não podem nunca pronunciar-se em nome da opinião, senão quando se trata de factos concretos, sobre os quaes não possa haver discussão. Assim, por exemplo, o municipio de Paris fez collocar uma lapide na casa do fundador da imprensa franceza, que, se não nos enganamos, se chamava — Theophraste Renaudaud. Sobre este facto não havia duvidas: a imprensa foi uma vantagem para os francezes, como reconhecidamente para todo o genero humano e Renaudaud foi o seu fundador em França. O municipio podia pronunciar-se sem exorbitar das suas funcções. Mas que simplesmente o municipio de Paris mandasse collocar, por exemplo, uma lapide na casa em que morreu Monselet, que foi em França o que Julio Machado foi entre nós, e o municipio exorbitaria, porque iria fazer uso do seu direito de delegação sobre um facto ainda sujeito a discussão e controversia.

Nós não queremos regatear á memoria querida de Julio Cesar Machado a modesta lapide commemorativa que em sua homenagem propoz o sr. Claro da Ricca. Os nossos pobres homens de letras são tão pouco mimos da fortuna, que tudo devemos consentir em seu favor—o que elles merecem e mesmo o que elles não possam merecer. O que tão sómente queremos é pôr as coisas no seu lugar.

Succede por acaso agora que a

manifestação do municipio recae sobre uma memoria que a merece tanto mais quanto se trata de uma homenagem despida de apparatus. O municipio podia ir mais longe e propôr para Julio Machado uma estatua equestre. Mas quem nos diz a nós que no exercicio d'este direito de consagração, o municipio não começa a encher Lisboa de lapides commemorativas?

Justamente na mesma sessão a que nos estamos referindo, deu-se este facto: tendo constado ao sr. conselheiro Carvalho Pessoa que havia sido demolida a casa da rua do Sol ao Rato onde fallecera o visconde de Castilho, e que no lugar d'esta vae ser erigida uma capella, o mesmo sr. vereador propoz que se officiasse ao sr. duque de Palmella, actual proprietario, pedindo-lhe—referem as *Novidades*—que «a lapide existente na antiga casa, subsista por qualquer forma n'aquelle lugar.»

Por outras palavras, o sr. conselheiro Carvalho Pessoa deseja que a lapide que estava na casa em que morreu Castilho passe para a capella do sr. duque de Palmella, certamente afim de desorientar a posteridade que nunca comprehenderá como poudo o traductor de Molière morrer n'uma capella.

Reconhece-se por este facto, como pelo que se refere a Julio Machado, que a camara municipal, na sua ultima sessão, estava bastante obsidiada pela preocupação da lapide.

Se pozermos de parte a questão meramente juridica da delegação que o municipio realmente não tem, de se pronunciar sobre materia litteraria, fica-nos ainda de pé uma questão de evidente parcialidade, pois se é pela lapide que devemos d'ora ávante reconhecer os serviços prestados á nossa litteratura, não ha razão para que assignalemos certos domicilios illustres e deixemos tantos outros perdidos no anonymato e na confusão do povoado.

Mas não! A lapide não é injusta. A lapide é simplesmente disparatada.

Uma lapide pode commemorar um domicilio quando commemora um facto e n'este caso o domicilio deixa de ter este nome, passa a ser—monumento nacional. Fica desahabitado, deserto, ou quando muito guardado por um guarda do museo. Uma lapide posta n'uma casa de habitação, que se aluga, que põe escriptos, que muda de inquilino todos os semestres, não tem pés nem cabeça. Que sympathia, que devoção, que culto mostram os homens ter por um lugar de que deixam apagar todos os vestigios d'aquelle a quem querem render homenagem, que abandonam ao acaso de todas as invasões forasteiras, e de que se desinteressam por tal forma que nem sequer proinovem a sua conservação? Uma lapide n'um ce-

miterio é o quer que seja de duradouro. Uma lapide n'uma casa, dura emquanto dura a casa. Um dia a casa vae abaixo, para dar lugar a outra, ou para simplesmente dar lugar a uma rua e a lapide desaparece.

A lapide é um tão grande disparate que, pelo tempo adiante, não parece reconhecer, mas por todas as formas contrariar a intenção que a inspirou. A gente passa e lê:—*N'esta casa falleceu o illustre escriptor*, etc; vê na janella da direita uma menina a namorar, na da esquerda uma creada a apreçar sardas, e não pode deixar de sorrir. Os habitantes do predio illustre esquecem-se completamente de que elle o é. Tomaram-n'o simplesmente pela renda e habitam-n'o com desenvoltura e commodidade. Sabem elles por acaso quem morreu ali! No aposento que assistiu outr'ora ás vigílias do homem privilegiado que ali viveu e d'onde saíram para a publicidade e para a gloria tantas obras primas, trabalha agora ferozmente uma machina de costura. A alcova que presenciou a sua agonia e recebeu a confidencia dos seus ultimos momentos, é talvez agora esse quarto de despejos, que a familia moderna costuma atravancar de bahus vazios, colchões fóra de serviço e cadeiras sem pé.

A lapide lá está na fachada da casa, com as suas letras todas e as suas datas em romano; mas antes lá não estivesse, porque se está a recordar que alguém ali viveu e morreu, está tambem a recordar que esse alguém esqueceu.

A lapide, quando muito, pode ser considerada como premio de iniciativas e esforços que não encontraram outro. A' falta de cultura, de gosto, de devoção e de piedade que erijam monumentos, a lapide é um epitaphio que tem a vantagem de estar no lugar das taboetas.

A posteridade passa e entre um armazem de vinhos e uma casa de emprestimos sobre penhores, encontra—Almeida Garrett.

JOÃO RIMANSO.



Delimitação

Diz o *Petit Journal* que as assignturas para a delimitação das Guinés franceza e portugueza serão trocadas na presente semana e que a França obtem alguns territorios.

Pudéra!
Nem para outra coisa se fez a delimitação.

Portugal nunca delimita os seus territorios, sem engrandecer os dos outros.

**A segurança do publico nos theatros
e o futuro de S. Carlos**

De vez em quando os poderes do Estado acordam preocupados com a segurança publica. Tal o caso do sr. governador civil de Lisboa vistoriando os theatros, na previsão dos riscos de incendio.

Sua ex.^a foi a S. Carlos e determinou um grande numero de obras e providencias, entre as quaes a de alargar as coxias, supprimindo d'est' arte sessenta cadeiras.

Ora, que succede?

Em virtude d'esta providencia, o empresario do theatro annuncia ou faz annunciar que de futuro os preços dos logares serão augmentados, afim de se indemnizar dos prejuizos que lhe vae causar a falta das referidas sessenta cadeiras—e não sabemos então qual seja calamidade maior, se o sr. governador civil augmentando as seguranças do publico, se os empresarios dos theatros augmentando os preços dos logares.

Justamente diz-se tambem que, mesmo depois de supprimidas as referidas sessenta cadeiras, o theatro continúa sendo uma *ratoeira*—é esta a expressão de que se servem os jornaes—e que, para verdadeiramente pôr o publico em condições de segurança, seria preciso supprimir tambem algumas frizas.

Se esta providencia chega a ser reconhecida como necessaria e se o empresario se indemnisa por igual forma da falta das frizas em questão augmentando ainda mais os preços, por quanto meu Deus! por quanto nos vae sair de futuro a aria das joias e o côro dos bispos?

Entretanto o que estamos a vêr é que o theatro de S. Carlos ainda ha de soffrer tantas reduções no numero dos seus logares, que das suas frizas e camarotes apenas lhe reste a tribuna real e que na plateia apenas fique verdadeiramente em condições de segurança—o sr. marquez de Franco, modificando-se assim de alto a baixo o caracter das relações da empresa com o publico.

Os avisos ao publico passariam a chamar-se.—Avisos ao sr. Marquez de Franco. Os cantores roucos dirigir-se-hiam não ao publico, mas ao sr. Marquez de Franco. Haverá um guarda-roupa para o sr. Marquez de Franco, um restaurante para o sr. Marquez de Franco, um *foyer* para o sr. Marquez de Franco e portas de saída, abrindo para fóra—para o sr. Marquez do Franco.

Em caso de incendio, o sr. Marquez de Franco evacuará a sala e no dia seguinte os jornaes relatariam: «Graças ao sangue frio do sr. Marquez de Franco não houve desastres pessoais. Sua ex.^a, que enchia a sala á cunha, poz-se a salvo sem precipitação».



JOSÉ IGNACIO D'ARAUJO

Um d'estes accidentes graphicos que são frequentes, mesmo nos jornaes de caricaturas, impediu-nos a semana passada de commemorar com as palavras de sympathia que lhe devemos o 77.^o anniversario de José Ignacio d'Araújo, o velho poeta que todas as semanas collabora nas columnas da *Parodia* com as inspirações da sua musa torentiniana.

José Ignacio d'Araújo completou com effeito setenta e sete annos e contra a idéa de que esteja velho protestam a sua fertilidade e a sua *verve*. Não tem no entanto quarenta e quatro, como pretendeu um jornal e contra esse equivoco protesta elle nos termos do soneto que segue:

Os meus 77

*A um amigo que, por gracejo,
diz que eu tenho quarenta e tantos annos.*

Amigo, rôlha n'essa bôcca mette,
Conheço muito bem que estou mazombo,
Bem sinto a carregarem-me no lombo,
Os mal passados meus 77!

Cairam-me os cabellos do topete,
Os dentes já levaram grande tombo;
Meu verso cada vez está mais rombo,
Nada a musa me dá... nem me promette!

Mas a tua illusão bem a conheço,
Por saber que tu dás um grande apreço
A essas transmutações que ha no theatrol...

Esse teu bom humor, que chega a abysmos,
Pôz de pernas p'ra o ar os algarismos...
E assim me dêste—só—44.

J. J. A.

Posto tenha passado o anniversario do nosso collaborador e amigo aqui lhe endereçamos com a trazo, mas com muita sympathia, as nossas felicitações e os nossos votos de longa vida. No fim de contas, o peor já está passado, e d'aqui aos cem annos

é um pulo.

Até lá, se lá chegarmos, que elle, por este andar—com certeza chega.

**O jornalismo pessoal,
ou — uma massada**

A imprensa está cada vez mais pessoal. Compra a gente um jornal para saber o que vae pelo mundo e fica apenas sabendo o que vae no fóro intimo dos seus redactores.

Acaba de fallecer o dr. Rocha Peixoto, conhecido professor da Universidade de Coimbra e um jornal escreve: «Nós que fomos seu alumno nos bancos da Universidade...» O outro dia falleceu um empregado da Misericordia e outro jornal escrevia: «Nós que servimos sob as suas ordens, na Misericordia...»

Sempre que a imprensa pretende affiançar alguma coisa, ou alguém, intertem com o depoimento dos seus redactores.

Ora, em primeiro logar o jornal anonymo é impessoal. Quando o jornal escreve *nós* entende-se o espirito que preside aos seus principios, ás suas idéas, ás suas iniciativas. Não se entende a pessoa que escreve, e que perde a sua individualidade por detraz do anonymato que a cobre. Essa pessoa pôde authenticar factos, com a sua autoridade, desde o momento que se sirva da sua rubrica pessoal. Como collaborador anonymo não o pôde fazer.

Os redactores de um jornal anonymo não tem o direito de nos dizer que se sentaram nos bancos da Universidade e foram amanuenses de secretaria, porque estes successos pessoais só nos poderiam interessar com a condição de hehcermos os individuos com quem elles se passaram. Não conhecendo nós esses individuos, os successos em questão são descaídos, ociosos e sem valor.

Depois a que fica reduzido o jornal pessoal?

A um *memorandum* intimo. O jornal pessoal fica sendo não um órgão de opinião publica, mas o órgão dos seus redactores. Pega-se no jornal e nada do que é geral e universal ali se encontra. Em compensação encontra-se a vida moral e a vida publica dos seus redactores—os seus estados d'alma, o seu estado de saude, as suas viagens, as suas relações, os jantares que deram em suas casas e aquelles para que foram convidados, a biographia dos seus amigos, os progressos dos seus filhos, n'uma palavra os seus interesses individuaes; e isto quando não seja, se assim o quizerem, máo jornalismo, pessimo jornalismo, jornalismo rachitico e pelinirão, é peio menos—uma massada.

PUDOR ADMINISTRATIVO

LISBOA À NOITE



Antes da meia noite

Depois da meia noite

O Luciano das ratas ou**Veneza em Lisboa**

O Luciano das ratas traz todos os dias cá para cima uma noticia nova.

Agora saé-se com esta. Encontrou—diz elle—na noite de segunda para terça-feira da semana passada, um bote encalhado no collector da rua Augusta, entre o arco e a Memoria. Dentro do bote estavam dois homens, um balde cheio de eirós. Os homens dormiam. «Parece—explica o Luciano—que vão para ali pescar.»

Em vista d'esta informação, o que podemos acreditar! Que isto por baixo de Lisboa não é exgoto, mas uma especie de Veneza subterranea, com as suas gondolas e gondoleiros.

A existencia de um barco no exgoto denuncia já uma vida activa: O somno dos barqueiros, esse, fala-nos de um bem estar e de uma poesia encantadores.

Além d'isso—eirozes. Estamos a vêr que dentro em pouco apparecem cysnes na canalisação.

Em summa, o Luciano das ratas está-nos abrindo horisontes novos—por baixo dos pés.

**Uma passeata**

Um ministro, amador da alheia briza, Fugindo de politicos cuidados, E, depois de seus fatos entroxados, Um passeio foi dar até Galliza.

Scisma o povo, pois julga que precisa Saber se elle foi dar alguns recados... Ou se foi contratar gatos-pingados, Ou quem nos venha pôr uvas em piza.

O caso, nos cafés, já tem registro; Porém, ou sabio ou não, ninguém concorda Se o passeio será bom ou sinistro...

Mas todos vão jurar do Tejo á borda, Que não foi o dignissimo ministro Estudar as questões de pau e corda.

**O fim das pharmaoias**

Acabou-se a cura pelos remedios. E' o fim das boticas.

A nova therapeutica é — a fructa. Começou pelos limões e já os jornaes começam renovando a propaganda das curas pela uva, pela laranja, pela tangerina, pelo morango, pela pera, a ponto de que não renunciamos lêr brevemente nos nossos *carnets mondains*—«Está em tratamento na Praça da Figueira o nosso amigo X».

Rilhafolles e o Colyseo

Um dia d'estes, andou á solta em Lisboa um homemsinho que fez verdadeiros *tours de force* gymnasticos e acrobaticos, saltando muros, galgando escadas e pulando a pés juntos por cima dos elevadores.

Tendo conseguido deitar-lhe a mão, a policia levou-o para o Governo Civil—e o que fez? Submetteu-o a um exame medico e vae—segundo parece—mandal-o para Rilhafolles.

E' o cumulo do disparate. Um homem d'estes não se manda para Rilhafolles: manda-se para o Colyseu. Não é um caso de alienação mental: —é um numero.

Dizem os jornaes que elle trazia o Diabo no corpo. — O que elle trazia no corpo era uma fortuna.

Depressa! Se ainda é tempo, tirem-n'o das mãos do doutor Bombarda e entreguem-n'o ao commendador Santos.

**Ora ainda bem!**

Depois que deitou a mão
A' pasta o illustre Pequito,
Já não se ouve nem um grito
Sobre a circumvalação;
Calou-se Dias Pimpão;
O povo já não dá ais;
Voitou-se para os missaes,
Já não fala de hortaliças...
Não faz mais que dizer missas
O prior dos Oliveaes!

**Russia e Japão**

Os russos continuam evacuando as cidades que tem occupado. Evacuaram Dalny, evacuaram Port Adam, evacuaram Liao Yang. Agora vão—segundo as ultimas noticias—evacuar Kharbine.

Não é uma guerra: é uma purga. A Russia poderá não vencer, mas fica limpa.

*
*
*

Depois de assignalar os feitos dos japonezes, um jornal presta homenagem á bravura dos russos. «Ao soldado russo—escreve—não se podem negar tambem qualidades eminentes. Dizia d'elle Napoleão que mesmo depois de morto era necessario empurrar-o para que caísse.»

E' o que se chama a fanfarronada da derrota. Os homens encontram sempre maneira de se levantar a seus proprios olhos. Os russos, por exemplo, não podendo levantar os vivos, —levantam os mortos.

GUITARRA DA PARODIA**MOTE**

A mulher é sempre bella,
Está visto e mais que visto...
Deixa logo de ser isto
Toda a vez que sogra é ella!

GLOSA

A mulher a todos tenta
Quando tem a flôr de nova,
Porém ninguém a reprova
Quando roça nos quarenta:
Se a sua voz nos alenta
D'esta vida na prorella;
Se nos tempéra a panella
Ou com risos nos embala,
Ou na cozinha ou na sala
A mulher é sempre bella.

Todo o homem que é madraço
E não anda sempre alerta,
Quando a mulher o esperta
Puxa da força do braço:
Quando os fumos do bagaço
O tornam pouco bemquisto,
A mulher, d'olho previsto,
Encaminha-o á razão...
Isto não é *maranhão*,
Está visto e mais que visto.

Toda a mulher, toda, toda
Ao homem nunca é sobeja,
Quando ella jámais deseja
Ser figurino da moda:
— Mas d'um, que sabe da poda
Que vae p'lo mundo de Christo,
Estas palavras registro:
— A que possui prendas santas,
Quando chega a folhas tantas
Deixa logo de ser isto!...

A mulher, ente perfeito,
Torna-se vivo demonio,
Que nem mesmo Santo Antonio
Mette no rego direito!...
Do carinho perde o geito,
Faz-se logo tagarella;
Arma por tudo querella,
Rouba o secêgo do lar...
Ninguém a pôde aturar
Toda a vez que sogra é ella!

Para as torradas manteiga...
E para uma sogra torta
E' proveitoso remedio
A bella tranca da porta.

VENANCIO.

**Como se faz um homem**

No Porto, um rapazito roubou uma nota de vinte mil réis e foi vendel-a a um cambista—por um vintem.

Foi preso.

Pobre creança! Ficou sabendo o que vale uma nota de vinte mil réis e ficou sabendo tambem—isto ensinoulh'o o policia—que quando se rouba uma nota de vinte mil réis, o que immediatamente se faz não é vendel-a—é trocal-a.

O innocente ficou advertido e é provavel que para a outra vez se conduza melhor.

Assim se faz um homem.

Confidencia

A minha Alice já vinte annos tem,
E não fazia mais do que chorar...
Por que tinha o desejo de casar
E não caía em graça de ninguém!...

Encontrou certo primo, de Belem,
E foram á Avenida passear;
Metteram-se n'um carro e vieram dar
A' rua de S. Paulo. Notem bem.

Entraram n'uma loja, onde ha tropel
De gentes finas que ouros comprar vão,
Pagando, ora em metal ora em papel.

Finalmente, casou com um Barão
A Alice... porque o primo Manuel
Lhe comprou dois aneis no Mergulhão!

Ouivesaria e relojoaria Mergulhão
162, R. de S. Paulo, 162-B



Ouivesaria e Relojoaria

com officina annexa
de fabrico e
reparos

FLORINDO
JOIAS
COM
Bastantes
PREÇOS
Limitadissimos
99, RUA AUREA, 99



FATOS em Paletot de 475000 a 2250000
FATOS em Frak de 125000 a 3250000
FATOS em Sobrecasaca de 165000 a 3250000
FATOS em Casaca de 205000 a 3650000
na Casa das thesoureas
51—Rua da Escola Polytechnica—55
JOSÉ CLEMENTE

CASA PORTUGUEZA
Papellaria e typographia
José Nunes dos Santos
Successor de MANUEL DA SILVA

N.º telephonic 220—Endereço telegraphico Papellytypo
PAPELARIA **TYPOGRAPHIA**
Grande sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros, objectos para desenho e todos os artigos precisos nas escolas. Trabalhos typographicos em todos os generos. Impressões a cores, ouro, prata e sobre setim.
Papellaria: **Rua de S. Roque 139 e 141**
Officina typographica: **R. das Gaveas, 69 LISBOA**

CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL

Gaston Piel

Das 9 da manhã ás 5 da tarde
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16

GOARMON & C.ª

Mosaicos Hydraulicos e Ceramicos.
Azulejos em Faltaca e Cartão.
Tijolos em Cimento.
Telha e Escama vidrada.
Quadros e ornatos para Chalets.

21—T. do Corpo Santo—Lisboa
Catalogos sob requisição



Peço a V. Ex.ª a fineza de não comprar chapéus sem primeiramente visitar este estabelecimento

RESTAURANT PARIS
JOSÉ FERNANDES

SERVEM-SE: Jantares de mesa redonda a 600 réis
Serviço de lista a toda a hora
Pratos especiaes para ceias
Gabinets de 1.ª ordem
65, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 67
2 e 4, Travessa da Cara, 2 e 4— LISBOA



ORTHOPÉDIA

CASA ESPECIAL DE FUNDAS
e aparelhos orthupédicos

DE **MANOEL MARTINS**
FORNECEDOR DOS HOSPITAES CIVIS, CASAS DE SAUDE, DE BENEFICENCIA, ASSOCIAÇÕES DE SOCCORROS MUTUOS, ETC.
154, Rua da Magdalena, 154-A
(Antiga CALÇADA DO CALDAS,
PROXIMO AO LARGO DE SANTA JUSTA)
LISBOA

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

VERÃO DE 1904

Serviço de banhos e aguas thermaes. Viagens de ida e volta por preços reduzidos. Bilhetes validos por 2 mezes com facilidade de amolição de prazo.
Thermas: Cucus, Caldas d. Rainha e Unhaes da Serra (Tortozendo e Covilhã). Praias: do Furadouro, Espinho, Granis, Porto, Foz do Douro, Matosinhos, Leça da Palmeira, Nazareth, S. Martinho e Figueira da Foz.
Desde 1 de junho e ate 15 de Outubro de 1904, es a Companhia terá á venda bilhetes de ida e volta a preços reduzidos, validos por dois mezes, das suas principaes estações para as que servem as localidades acima designadas.
Aos portadores d'estes bilhetes é concedida a faculdade de get não em transiçõ, ampliação de prazo, etc.
Para ma's esclarecimentos vêros cartazes affixados nos sitios do costume.
Lisboa, 15 de junho de 1904.
O D. G. da Companhia Chapuy.

BANHOS

DAS afamadas aguas do Poço do Borratem, conhecidas desde 1532 com grande exito nas molestias de pelle e outras enfermidades. Fazem-se assignaturas de 10 banhos simples ou douchos com 20 % de desconto e de vapor com 40 %. Abre este antigo estabelecimento ás 5 horas da manhã fecha ás 6 da tarde.
4, Poço de Borratem, 1.º



Callista pedicuro
JERONYMO FERNANDES
Empregado da casa Ornellas
R. SERPA PINTO, 48, 1.ª

(Frente para o Chiado)
EXTRACÇÃO de callos e desencravamento de unhas pelos mais moderno processo até hoje conhecido.
Ped-se ao publico que visite este consulto lo para ve certificar dos verdadeiros milagres que alli se operam.
Das 9 ás 5 da tarde

SALA MOZART

MONIZ JONSSA
PIANOS
ORGÃOS
Instrumentos musicos
RUA IVENS 52 54
LISBOA

Taboletas
Em todos os generos
Francisco Santos
R. Gremio Lano
Lisboa

Companhia Portugueza de Phosphoros

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada.
Capital, réis 4.500.000\$000

A pedido do Conselho de Administração, é convocada a assembléa geral d'esta Companhia a reunir, extraordinariamente, no dia doze de agosto corrente, pelas duas horas da tarde, no edificio do Banco Lisboa & Açores, a fim de lhe ser dado conhecimento de um officio da Direcção Geral da Thesouraria do Ministerio da Fazenda, datado de 18 de Julho, relativo á proposta feita por esta Companhia em 7 de dezembro de 1900, ratificada pelas assembléas geraes extraordinarias de 7 de janeiro de 1901 e 27 de junho ultimo, para tomar conta do exclusivo do fabrico dos tabacos de 1907 a 1926, e bem assim de outros documentos que se relacionam com o mesmo assumpto, toman do a este respeito as deliberações que tiverem convenientes.

Lisboa, 26 de Julho de 1904.
O presidente da mesa,
(a) Isidoro José de Freitas.

O CASO DA SEMANA

Noticias da cõrte... do Ceu



O HOMEM-SALTADOR



Depois de ter recebido o Tosão de Oiro, que o promoveu a principe, o sr. Hintze Ribeiro acaba de receber a ordem dos Seraphins,— da Suecia, — que igualmente lhe dá honras principescas.

A ordem dos Seraphins vem marcar um ponto culminante na carreira de sua ex.ª. E' a sua entrada na bemaventurança